

PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JULHO - DEZEMBRO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 18

ISSN: 2176 - 5960

O FRAGMENTO B4 DE PARMÊNIDES À LUZ DA ÉPICA

Rafael Huguenin
Doutor em Filosofia
IFRJ

RESUMO: O propósito do presente texto é interpretar alguns termos empregados por Parmênides de Eléia em seu fragmento B4 à luz dos usos homéricos dos mesmos termos, em especial aqueles utilizados em contextos militares.

PALAVRAS-CHAVE: Parmênides. Ser. Linguagem. Metafísica.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to interpret some terms used by Parmenides of Elea in his B4 fragment in the light of the Homeric uses of the same terms, especially those used in military contexts.

KEYWORDS: Parmenides. Being. Language. Metaphysics.

O fragmento B4 do Poema de Parmênides apresenta inúmeras dificuldades aos estudiosos. Em continuidade aos fragmentos antecedentes, a noção de “pensar” ou, mais propriamente talvez, a noção de “entendimento” ou “compreensão”, expressa anteriormente no fragmento B3 pelo verbo grego *voeĩv*, é associada aqui, mais uma vez, aos usos do verbo grego “ser”. Como se sabe, grande parte das dificuldades de interpretação do poema está ligada a estas noções filosoficamente carregadas, em torno das quais os intérpretes debatem incansavelmente ao longo dos séculos. Mas talvez seja possível superar pelo menos parte destas dificuldades a partir das informações fornecidas no texto pelo próprio Parmênides, em especial no que diz respeito às relações que ele estabelece entre os termos filosoficamente carregados e os demais termos não tão problemáticos da passagem. Em outras palavras, devemos levar a sério as associações poéticas criadas por Parmênides e tentar, na medida do possível, recuperar como eram recebidas pela sua audiência e como, a partir desta recepção mesma, eram parte integrante de seu ensinamento. Consideremos o fragmento:

λεῦσσε δ' ὅμως ἀπεόντα νόωι παρεόντα βεβαίως·
οὐ γὰρ ἀποτμήξει τὸ ἐὼν τοῦ ἐόντος ἔχεσθαι
οὔτε σκιδνάμενον πάντη πάντως κατὰ κόσμον
οὔτε συνιστάμενον.

Mas olha para as coisas que, apesar de distantes, estão firmemente presentes na mente; pois não separarás o que é da sua ligação com o que é, nem se dispersando de qualquer modo por toda parte em ordem, nem se reunindo.¹

O primeiro verso inicia com o verbo *λεύσσω* na segunda pessoa do imperativo presente: “olha”, “vê” ou ainda “observa”. A ordem, dirigida ao jovem, é para que ele observe as coisas que, “embora estando distantes” (*ὅμως ἀπεόντα*), se encontram “firmemente presentes na mente” (*νόωι παρεόντα βεβαίως*). Ora, que “coisas” são essas? A que coisas ausentes, passíveis de serem vistas “na mente” (*νόωι*) como se estivessem presentes de modo firme, o texto faz referência? Os termos traduzidos por Kirk, Raven e Schofield como “distantes” e “presentes” correspondem, respectivamente, aos participípios do verbo grego “ser” preposicionados, quais sejam, *ἀπεόντα* (*ἀπό ἐόντα*) e *παρεόντα* (*παρά ἐόντα*), ambos no acusativo plural. Dada a

1 DK 28 B4. Seguimos a tradução de Kirk, Raven & Schofield, com pequenas modificações.

natureza adjetiva do particípio em geral, nota-se no texto a ausência dos substantivos, objetos diretos de λεῦσσε, aos quais os particípios em destaque estariam ligados.

Em casos como este, a saída dos intérpretes é determinar as lacunas e termos subentendidos a partir do contexto, ou seja, a partir do que o autor disse antes, depois da passagem em questão ou simplesmente não disse, mas é pressuposto e tomado como óbvio em vista do assunto tratado. Neste caso, porém, isso não é tão simples. Clemente de Alexandria, nossa única fonte para o fragmento B4, além de não fornecer nenhuma informação sobre a parte do poema da qual o extraiu, utiliza e interpreta livremente o fragmento em função de seus próprios interesses, como é típico nos autores antigos. Para este autor cristão, as “coisas ausentes” são interpretadas como as “coisas futuras”, capazes de se fazerem presentes no pensamento mediante a virtude da esperança. Nesta perspectiva, a esperança garante que os bens divinos distantes (ἀπεόντα) se façam presentes no espírito de modo mais firme que as coisas terrenas e próximas (παρεόντα).

Levando em conta a interpretação tradicional de Parmênides, segundo a qual o universo se compõe de um único item e toda multiplicidade e movimento é uma ilusão dos sentidos, a leitura mais “natural” seria a cosmológica. Nesta perspectiva, o fragmento pode ser lido como uma crítica às cosmologias jônicas, em especial talvez à teoria da condensação e rarefação de Anaxímenes. De fato, nos dois últimos versos, os particípios σκιδνάμενον e συνιστάμενον, traduzidos acima simplesmente como “se dispersando” e “se reunindo”, respectivamente, parecem aludir aos processos modificadores da matéria básica proposta por Anaxímenes, o ar. É possível também uma aproximação com o fragmento 10 de Heráclito, no qual se menciona as “conjunções” (συνάψεις) de contrários que, “se reunindo <e> se separando” (συμφερόμενον διαφερόμενον), constituem todas as coisas². Nesta perspectiva, apesar dos sentidos testemunharem a multiplicidade, constituída por coisas que se movem constantemente, ora se juntando, ora se afastando umas das outras, o νόος é capaz de ultrapassar esta pluralidade mesma e garantir a unidade absoluta do ser.

Como vimos acima, as expressões “se dispersando” e “se reunindo” correspondem, respectivamente, aos dois particípios no presente médio-passivo σκιδνάμενον e συνιστάμενον. O primeiro é formado a partir de σκίδνημι, um verbo utilizado, segundo LSJ e Bailly, quase sempre na voz passiva com o sentido de “eu sou dispersado”, “eu sou espalhado”, “eu sou estendido”, referindo-se principalmente a uma

2 DK 22 B10.

multidão de indivíduos ou assembleias. O segundo, por sua vez, é formado a partir do verbo συνίστημι. Na voz ativa, esse verbo pode ser traduzido como “eu reúno”, “eu combino”, “eu uno” e assim por diante. Na voz média, conforme empregado no texto, o verbo pode assumir conotações políticas e militares, possuindo o sentido de “compor uma assembleia”, “reunir em conselho”, mas também “arranjar em ordem de batalha”, “formar” ou “enfileirar”. Ora, como o νόος, conforme indicado no próprio texto, tem justamente a capacidade de superar, unificar e fixar as ações indicadas por estes verbos, faz-se necessário compreender o modo como eram provavelmente recebidos pela audiência de Parmênides.

Em vista das inegáveis relações entre o seu poema e a tradição épica, seria arbitrário sustentar que a audiência de Parmênides talvez recebesse parte de suas palavras em um sentido também homérico? Para uma melhor compreensão dos usos destes verbos em Homero, fizemos um levantamento exaustivo de suas ocorrências na *Ilíada* e na *Odisséia*. Contabilizamos onze ocorrências de σκίδνημι e uma única ocorrência de συνίστημι. Na sequência, passaremos em revista todas estas ocorrências, acompanhadas de uma contextualização sumária da passagem em que ocorrem e de algumas traduções abalizadas. Se a recepção da mensagem de Parmênides por seu público é de fato guiada pelas evocações homéricas que suscitam, o exame destas ocorrências nos auxiliará a delimitar não exatamente o sentido preciso e unívoco em que os verbos são utilizados no fragmento em questão pelo filósofo de Eléia, mas quais sentidos se encontravam disponíveis para a audiência de Parmênides.

No primeiro livro da *Ilíada*, os guerreiros encarregados de devolver a escrava Briseida ao seu pai, Crisís, retornam ao acampamento dos aqueus. Exaustos, logo após colocarem as naus em segurança,

αὐτοὶ δ' ἐσκίδναντο κατὰ κλισίας τε νέας τε (Il. 1.487)

Todos, então, *se espalharam* por entre os navios e as tendas (Carlos Alberto Nunes)

E eles mesmos *se dispersaram* entre as tendas e barcos (Murray)

Then they stood up, *dissolving* the assembly by the ships (Johnston)

No livro V da *Ilíada*, prossegue a narrativa da grande batalha entre troianos e aqueus, iniciada no terceiro canto. Em determinado momento, quando Ájax, Diomedes e Odisseu incentivam o ânimo dos combatentes, o poeta compara o estado de espírito dos aqueus a uma nuvem imóvel sustentada por Zeus, que permanece no mesmo estado mesmo quando Bóreas e outros ventos fortíssimos começam a soprar, ventos estes que

οἷ τε νέφεα σκιάοντα / πνοιῆσιν λιγυρῆσι διασκιδνᾶσιν ἀέντες (Il. 5.525-526)
 Soem fazer *dissiparem-se*, quando sibilam violentos, as nuvens de aspecto sombrio (Carlos Alberto Nunes)
 With shrill blasts and *scatter* this way the shadowy clouds (Murray)
 When these storm winds blow, they *scatter* shadowy clouds (Johnston)

Mais adiante, o verbo é utilizado mais uma vez nesta mesma acepção, quando indica a dispersão de uma coluna de água em elevação. No canto XI, como se sabe, os aqueus estão sofrendo duros reveses no campo de batalha. Destaca-se, neste momento, a atuação violenta de Heitor, que mata inúmeros inimigos. Ao descrever a atuação do herói troiano, que dilacera e dispersa seus inimigos com facilidade, o poeta o compara ao vento Zéfiro, que atira ondas enormes ao alto de tal modo que

ὕπόσε δ' ἄχνη / σκίδναται ἐξ ἀνέμοιο πολυπλάγκτοιο ἰωῆς (Il. 11 11.307-8)
 Em espuma *se esfazem* / jogadas no alto, com a força do vento, de um lado para o outro (Carlos Alberto Nunes)
Scattering spray high in the air, / under the howling of the veering wind storm (Johnston)
 On high the spray is *scattered* beneath the blast of the wandering wind (Murray)

O verbo volta a ser empregado em um sentido semelhante, associado neste caso a uma nuvem de poeira a se elevar no céu, no canto XVI. Aqui, mais uma vez, ao descrever a multidão dos troianos em fuga perseguidos por Pátroclo, assim como a poeira levantada por esta debandada, o poeta menciona que os

ὕψι δ' ἀέλλη / σκίδναθ' ὑπὸ νεφέων (Il. 16.374-375)
 Remoinhos de poeira / nas altas nuvens *se alastram* (Carlos Alberto Nunes)
 Under the clouds a high dust storm *rose* (Johnston)
 And on high a cloud of dust was *spread up* beneath the clouds (Murray)

Alguns cantos mais adiante, o verbo volta a ser empregado em relação a uma multidão de indivíduos. Após a morte de Pátroclo, no canto anterior, o canto XIX nos apresenta uma assembleia de aqueus, na qual ocorre finalmente a conciliação entre Agãmemnon e Aquiles. Após fazer as pazes com seu comandante-em-chefe, Aquiles

λύσεν δ' ἀγορὴν αἰψηρήν. / οἱ μὲν ἄρ' ἐσκίδναντο ἐὴν ἐπὶ νῆα ἕκαστος (Il. 19.276-277)
 Dissolve a assembleia. / Enquanto os outros Aquivos *procuram* as naves recurvas (Carlos Alberto Nunes)
 Quickly ended the assembly. / The men *dispersed*, each one going off to his own ship (Johnston)

No penúltimo canto, em mais um exemplo da utilização de fórmulas padronizadas, temos a repetição, palavra por palavra, do mesmo verso examinado acima. Ao retornarem, logo no início do canto XXIII, à praia onde estavam acampados após a morte de Heitor, os aqueus

οἱ μὲν ἄρ' ἐσκίδναντο ἐὼν ἐπὶ νῆα ἕκαστος (Il. 23.3)
Se dispersaram, em busca dos barcos de proas recurvas (Carlos Alberto Nunes)
 The men *dispersed*, each one going off to his own ship (Johnston)
Scattered each man to his own ship (Murray)

O canto 24, o último do poema, descreve o que se passou após o fim dos jogos fúnebres em honra a Pátroclo. Logo no primeiro verso, o poeta nos canta que,

Λῦτο δ' ἀγών, λαοὶ δὲ θοᾶς ἐπὶ νῆας ἕκαστοι / ἐσκίδναντ' ἰέναι. (Il. 24.1-2)
 Findos os jogos, *dispersam-se* todos; os Dânaos guerreiros / às suas naus recolhidos (Carlos Alberto Nunes)
 Once the funeral gathering broke up, the man *dispersed*, each one going to his own ship (Johnston)
 Then was the gathering broken up, and the folk *scattered*, each man to go to his own ship (Murray)

Na *Odisséia*, contabilizamos apenas quatro ocorrências do verbo σκίδνημι, todas elas com a mesma acepção. Três ocorrências se referem à dispersão de uma multidão de indivíduos e uma se refere à distribuição ou ao espalhamento da água de uma fonte ao longo de um jardim. No primeiro canto, ao ouvir Telêmaco se queixar da situação de sua casa, Palas Atenas o aconselha a fazer várias coisas, entre elas

μνηστῆρας μὲν ἐπὶ σφέτερα σκίδνασθαι ἄνωχθι (Od. 1.274)
 Intima[r] os pretendentes a *se retirarem* para suas casas (Antônio Pinto de Carvalho)
 Lay your command on the suitors *to scatter* and go to their places (Merril)
 The suitors you order *to scatter*, each to his own (Lombardo)

No segundo canto, após a narrativa da assembleia convocada por ele, na qual os pretendentes se recusam a abandonar o palácio de seu pai, Telêmaco a dissolve se dirigindo aos presentes nos seguintes termos:

ἄλλ' ἄγε, λαοὶ μὲν σκίδνασθ' ἐπὶ ἔργα ἕκαστος (Od. 2.252)
 E agora, *dispersai-vos*, volte cada qual a suas ocupações (Antônio Pinto de Carvalho)
 But come now, let the people *disperse*, each one to his own work (Merril)
 Now let's everybody *scatter* and go home (Lombardo)

Alguns poucos versos mais adiante no mesmo canto, em mais um exemplo das repetições e reiterações típicas de toda poesia épica, o poeta reitera a dissolução da assembleia ordenada por Telêmaco, proferindo as seguintes palavras:

οἱ μὲν ἄρ' ἐσκίδναντο ἐὰ πρὸς δῶμαθ' ἕκαστος (Od. 2.258)
 Those of the country *dispersed*; each one went away to his own house (Merril)
 Everyone *returned* to their homes (Lombardo)
 The man *dispersed*, each man to his own house (Johnston)

Quando Ulisses entra, no canto VII, no palácio do rei Alcino, Homero faz uma descrição detalhada de seus ricos e vastos domínios. Ao se deter nos detalhes do jardim, o poeta menciona que

ἐν δὲ δύο κρῆναι ἢ μὲν τ' ἀνὰ κῆπον ἅπαντα / σκίδναται (Od. 7.129-130).

Há ali duas fontes: uma *rega* todo o pomar (Antônio Pinto de Carvalho)

Therein rise two springs, one *spreading* abroad through the whole great garden (Merril)

Therein are two springs, one of which *sends its water throughout* all the garden (Murray)

Este uso do verbo, que indica a dispersão ou, mais especificamente, a irrigação ou a dissipação da água ao longo do jardim, é semelhante aos três outros usos já examinados acima, relativos a nuvens e turbilhões de água, situações nas quais ocorre uma dissipação de uma massa ao longo de um meio mais amplo. Com isso, considerando estas onze ocorrências, que acreditamos representarem a totalidade das ocorrências em Homero, podemos sustentar com relativa segurança que os usos homéricos do verbo indicam sempre “dispersão”, “espalhamento” ou “distensão”, utilizados na maioria das vezes em referência a grupos extensos de indivíduos e algumas vezes em relação a termos de massa, tais como água e poeira.

Passemos agora ao exame do outro verbo, συνίστημι. Este verbo possui um vasto espectro semântico, sendo utilizado largamente por diversos autores do período clássico. Segundo o LSJ, é utilizado no sentido de “combinar”, “associar”, “unir”, “colocar junto”, “moldar”, “alinhar”, “arranjar em ordem de batalha”, “tornar sólido”, “contrair”, “condensar” e assim por diante. Em relação a amigos, aliados ou correlegionários é utilizado no sentido de “formar uma liga”, “conspirar”, “aliar-se”, mas também “estar em assembleia” e “formar” no sentido militar. É importante frisar que os usos acima são ilustrados no LSJ (e também no Bailly) por autores do período clássico. Em Homero, no entanto, os léxicos indicam apenas uma única ocorrência deste verbo em específico. No início do canto XIV da *Iliada*, como se sabe, os aqueus estão em sérias dificuldades, encurralados pelos troianos junto aos seus navios, praticamente à beira da derrota. Diante do desastre iminente, forma-se um conselho de chefes aqueus. Agâmenom propõe uma retirada imediata. Odisseu, então, exasperado, repele com veemência a proposta, pois seria absurda e desastrosa uma retirada naquelas circunstâncias, “durante *formação* de batalha” (πολέμοιο συνεσταότος, Il. 14.96)³.

3 ὃς κέλει πολέμοιο συνεσταότος καὶ ἀυτῆς / νῆας εὐσσέλμους ἄλαδ' ἐλκέμεν (Il. 14.96-97).
Carlos Alberto Nunes: “Ora que a dura peleja ainda se acha indecisa, aconselhas / a que arrastemos as

Deste modo, a única ocorrência do verbo συνίστημι nos poemas homéricos está associada à concentração de indivíduos para fins militares. Emparelhado com as onze ocorrências de σκίδνῃμι, que examinamos anteriormente, não seria absurdo sugerir, portanto, que estes dois verbos poderiam suscitar na audiência de Parmênides situações que envolviam de algum modo a dispersão e concentração de grande número de indivíduos, seja para fins políticos ou mesmo militares. Em outras palavras, este uso dos verbos não apenas se encontravam disponíveis para uso, mas constituem a maioria dos usos em Homero. Deste modo, ainda que seja sim arbitrário sustentar que Parmênides utiliza os verbos nestes sentidos, de modo exato e unívoco, não seria absurdo sugerir que talvez parte de sua audiência, sobretudo a parte não familiarizada com a investigação “acerca da natureza” supostamente conduzida pelos jônios, também interpretasse os verbos nesta acepção.

Faz-se necessário, no entanto, justificar a associação entre termos linguísticos em geral com expressões militares. Na verdade, a utilização de uma terminologia militar para se referir aos diversos processos linguísticos era familiar aos gregos durante o período clássico e talvez até mesmo antes disso⁴. No período alexandrino, quando são sistematizadas e compostas as primeiras gramáticas, esta terminologia bélica se torna praticamente canônica. Para comprovar este fato, basta examinarmos brevemente a etimologia de alguns termos utilizados em nossas gramáticas atuais.

Pensemos, por exemplo, na palavra grega σύνταξις, que deu origem a “sintaxe”. Seu usos mais antigos indicam “arranjar em ordem”, referindo-se principalmente a soldados. Ao procurarem um termo para designar o processo de combinação de palavras e sentenças, os gramáticos alexandrinos recorreram a este termo militar principalmente porque indicava um procedimento que lhes parecia análogo. O resultado desta ação, por sua vez, era chamada em grego σύνταγμα, ou seja, um “corpo” ou “pelotão”, que deu origem ao termo “sintagma”. Já a expressão “hipotaxe”, que designa as orações subordinadas, vem do grego ὑπόταξις, termo militar que indicava as linhas logo atrás da primeira linha da falange. Todas estas três palavras estão ligadas a τάξις, que designa a “ordem” ou o “arranjo” em geral de uma tropa. A palavra μεταλήψις, que em retórica indica a figura que produz “mudança de sentido” ou “uso de uma palavra por outra”, designa, na infantaria, a mudança na empunhadura da lança. Estes poucos exemplos são

naus para o mar”. Johnston: “In the middle of a fight, you tell us now / to drag our well-decked ships down to the sea”. Murray: “that thou speakest thus, when war and battle are afoot, draw down our well-benched ships to the sea”.

4 Ver, a esse respeito, SANTORO, F. *Parmênides na Encruzilhada*.

suficientes para comprovar a proximidade entre a terminologia militar e as expressões metalinguísticas.

Nas linhas que seguem, tomando estes usos militares dos verbos como meras hipóteses de trabalho, tentaremos oferecer uma alternativa de interpretação que, apesar de heterodoxa em relação à interpretação tradicional de Parmênides, se justifica em função do que foi colocado até aqui. De posse agora deste exame exaustivo dos usos homéricos dos verbos, voltemos ao frag. 4. Como vimos, embora a “concentração” ou a “dispersão” do *que é* (τὸ ἐόν) possa separá-lo *do que é* (τοῦ ἐόντος), faz-se necessário mantê-lo, seja lá o que for este “ser”, como “estando presente firmemente na mente” (νόωι παρεόντα βεβαίως). Com isso, em termos bastante genéricos, o νόος tem a capacidade de fixar e manter unidos e presentes os usos de εἶναι que ora se dispersam, ora se concentram. Este processo de dispersão e concentração do “ser” é qualificado ainda por meio da expressão κατὰ κόσμον, expressão que, neste contexto, deve ser lida simplesmente como “em ordem” ou “segundo a ordem”. Ora, como articular, a partir dos usos homéricos de “dispersar” e “concentrar” examinados acima, os conceitos de “ser” e de “compreensão”?

Se tomarmos a “dispersão” e a “formação”, situações que o νόος tem a capacidade de evitar, em uma acepção militar, devemos tomar os usos do verbo grego “ser” no mesmo espírito destas manobras militares. Ou seja, quando uma tropa entra em formação, os soldados se posicionam em filas dispostas em linha, com homens dispostos ombro a ombro e as linhas sucedendo-se uma às outras em sequência. O resultado é um bloco rígido e compacto, mas sem nenhum tipo de articulação e combinação entre as partes que não seja a disposição de fileiras sucessivas. Quando o contingente se dispersa, esta configuração é simplesmente desfeita, de modo que os soldados, ordenadamente, se separam por toda extensão do campo de batalha. Uma vez separados, mantêm entre si um único tipo de relação, qual seja, a de membros de um corpo que apenas aguardam o comando para se agruparem ou permanecerem separados. São estas duas situações que a “compreensão” deve evitar, ou seja, situações em que os diversos empregos de εἶναι estão simplesmente dispersos ou enfileirados, sem que haja entre eles uma indicação precisa de suas articulações múltiplas, complexas e de vários tipos distintos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, Lesley. *The Verb 'to be' in Greek philosophy: some remarks*. In: EVERSON, Stephen (ed.). *Language. Companion to ancient thought 3*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 212-236.
- BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. New York: Meridian Books, 1957.
- CALOGERO, Guido. *Studi sull' eleatismo*. Rome: Tipografia del Senato, 1932
- CAVALCANTE DE SOUZA, José. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Abril, 1999.
- CORDERO, Néstor-Luis. *By Being, It is. The Thesis of Parmenides*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2004.
- DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 vols. Berlin: Weidmann, 1974.
- FRÄNKEL, Herman. *Studies in Parmenides*. IN: Allen, R. E. and Furley, D. J. *Studies in Presocratic Philosophy: The Eleatic and Pluralist*. London: Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 1-46.
- FRITZ, K. von. *NOOS and NOEIN in the Homeric Poems, and their Derivatives in Pressocratic Philosophy*. IN: *Classical Philology* 40, 1945, p. 223-242.
- HUGUENIN, Rafael. *Sugestões para a Interpretação do Poema de Parmênides*. IN: *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 36, n. 115, 2009, p. 197-218.
- HOMER. *The Essential Odyssey*. Trad. Stanley Lombardo. Cambridge: Hackett Publishing, 2007.
- HOMER. *The Odyssey*. Trad. Rodney Merrill. Michigan: Michigan University Press, 2002.
- HOMER. *The Odyssey*. Trad. Ian Johnston. Arlington: Richer Publications, 2007.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Odorico Mendes. Classicos Jackson, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Jackson Inc., 1950.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Atena Editora, s/d.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Odorico Mendes. São Paulo: Ars Poetica / EDUSP, 2000.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 1993.
- KAHN, Charles H. *Sobre o Verbo Grego Ser e o Conceito de Ser*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Departamento de Filosofia da PUC-RJ, 1997.
- KIRK, G. S., RAVEN, J.E., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- MARQUES, Marcelo Pimenta. *O Caminho Poético de Parmênides*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MOURELATOS, Alexander. *The Route of Parmenides*. Las Vegas: Parmenides

Publishing, 2008.

_____. Some Alternatives in Interpreting Parmenides. IN: *The Monist*, v. 62, 1979, p. 111-132.

SANTOS, José Trindade dos. *Da Natureza – Parmênides*. Brasília: Thesaurus, 2000.

SANTORO, Fernando. Parmênides na Encruzilhada. IN: *Sofia*, VII, n.7, 2001, p. 108-138.